



expresso

instante

Júlio César Pérez



*E*xpresso Instante ou seria
melhor dizer instante
expresso? Este é um livro de
aprendizagem. Aprendizagem
de depurar o olhar dos vícios
que a vida nos inculuiu. O
resgate da perplexidade da
criança diante de um dia de
sol, sem nada pela frente, a
não ser o tempo desse dia para
aproveitar. E como aquele
outro poeta do instante - o
fotógrafo -, o objetivo do Autor
foi aprisionar esses instantes
em instantâneos de lírica
apreciação. Seu instrumento:
a palavra escrita. De todas
formas pelas quais a Arte se
expressa, a que lhe coube
manejar.

Júlio César Perez

Expresso Instante



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

2013

Júlio César Perez

Expresso Instante

Passo Fundo
Projeto Passo Fundo
2013

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br

e-mail para contato: projetopassofundo@gmail.com

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Do livro: Literatura, Poesia. -Passo Fundo: Méritos, 2006. 94p.; 21cm.

Todos os direitos reservados ao Autor.

Revisado pelo autor: 13/11/2013

P438e Perez, Júlio César

Expresso instante [recurso eletrônico] / Júlio César
Perez. – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2013.
E-book (formato PDF).
ISBN 978-85-8326-049-3

Modo de acesso: World Wide Web:
<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Literatura brasileira. 2. Poesia. I. Título.

CDU: 869.0(81)-1

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

Sumário

Sumário	7
ALMA	9
DOMINGO	13
SONS DA NOITE	14
PREVISÕES DO TEMPO	15
O AVIÃO	16
VAZAMENTO	17
PINTURA	18
SAPATO VERMELHO	19
TIJOLOS	20
A AMEIXEIRA	22
SOLIDÃO	24
INSÔNIA	26
POEIRA	28
O BÊBADO	30
DE HOMENS E BOLACHAS	32
DORMIR É COMO MORRER	33
MÃO	35
O MATE	37
MÃO SEM DEDOS	39
EDUCAÇÃO	41
O HOMEM NU	43
ORIGENS	44
TARDE	46
VENTO CRIANÇA	48
SUR	50
LIXO	52
SOLITÁRIO TROVADOR	54
PROCISSÃO	56
NA CIDADE DOS OCUPADOS	58
O HOMEM DE GESSO	60
RIO MORTO	62
BUNDA DE FORA	64
CASA PATERNA	66
AMIGA POETA	70
NAVIO FANTASMA	71

INTERROGAÇÕES	73
SINISTRO	75
POETAS AMIGOS	77
VIAGEM A PORTO ALEGRE	78
TODAS AS VOZES	80
Amizade.....	82
ESTADOS DE CONSCIÊNCIA.....	83
CUCO	84
MOMENTO	85
POEMA PROGRAMA	86
IRREMEDIÁVEL	87
ROTINA	88
CHIMARRÃO	89
O GOZO	90
O PROSAICO DOS DIAS	92
PASSARINHO	93
PRISIONEIRO	94
POEMINHA DE AMOR.....	95
BLOCO DE NOTAS.....	96
TEMPO	98

Penetra surdamente no reino das palavras.
Lá estão os poemas que esperam ser escritos.
Estão paralisados, mas não há desespero,
há calma e frescura na superfície intata.
Ei-los sós e mudos, em estado de dicionário.
Convive com teus poemas, antes de escrevê-los.

Tem paciência, se obscuros.
Calma, se te provocam.
Espera que cada um se realize e consuma
com seu poder de palavra e seu poder de silêncio.
Não force o poema a desprender o limbo.
Não colhas no chão o poema. Aceita-o
como ele aceitará sua forma definitiva e
concentrada no espaço.

Chega mais perto e contempla as palavras.
Cada uma tem mil faces secretas sob a face neutra
e te pergunta, sem interesse pela resposta,
pobre e terrível, que lhe deres:
Trouxeste a chave?

(Extrato de Procura do poema, de Carlos Drummond de Andrade. A rosa do povo. 11. ed. Rio de Janeiro: Record, 1992.)

Ao antigo grupo Momento Poético
e, em especial, aos poetas
Anderson Gassol Dozza,
Carlos Javel do Vale (in memoriam)
e Lygia Casado Brasil
pela inspiração e incentivo
nessa jornada solitária da
criação literária.

ALMA

Às vezes
a nostalgia...

A alma
como se recordasse
outro espaço
outro tempo
outro estado.

A alma
quando ainda
nem nascemos
e vagava...
vagava com o vento
vagava nos coqueirais
vagava no tempo
tempos ancestrais
e a alma que hoje temos
não fosse mais
que uma pálida cópia
de outros dias
quando nos bate
a nostalgia
esse banzo
do Jamais.

Somos o infinito
de vez em quando revelado
nesses rasgos
d'alma
nessas agonias
quando o espírito espreita
do lado de lá
e já
não lhe basta mais o dia
a monotonia
do seu estado atual.

Quer navegar!

DOMINGO

Chove!

A tarde é vadia.

Primavera
os pássaros
cantam
de modo especial.

Chove mui lentamente.
É possível ouvir
o respirar do mundo.

Bom que a semana terminou.
Quando Deus descansou
ele sabia o que estava fazendo:
dando aos homens
a oportunidade de saberem quem são:
homens tão somente.

SONS DA NOITE

Nos sons da noite
há muita indefinição.
Como as sombras
que tornam
tudo mais incerto
os sons da noite
são cheios
de imprecisão.
Cães que latem
sem moitvo,
insetos que emitem
novos sons,
corujas
morcegos
- um rufar de asas
há pouco passou por aqui -
e o ronco
despropositado
dos motores.
Os sons da noite
são um desafio
a quem
os queira decifrar.
Ameaçam-lhe
a vida
o tino
a razão.
Os sons da noite
são o pulso,
das trevas
o coração.

PREVISÕES DO TEMPO

O dia muda de cor
ao sabor
do vento que anuncia
no ar
a chuva da metereologia.

Como o clima
dentro de mim
esfria
e espera também
do Impossível
a alegria
que não vem.

Pois como eu
segue a monotonia
das programações
que fizeram de si:
amanhã vai chover
e fazer frio.

O AVIÃO

A aproximação de um avião
é como as preliminares de um ato:
sutil e cauteloso
suave e cuidadoso
do ponto que tem em mira.

Traz consigo
toda a história
das terras de onde vem,
dos Longínquos e da Distância
do Desconhecido
até a
penetração...
na pista.

O primeiro contato das rodas
com o chão,
a extrema fricção,
os rangidos e
estalos
são apenas
a antecedência da calma
que se instaurará:

o avião pousou!

VAZAMENTO

Em casa
havia um vazamento.
Corria de noite
corria de dia.
Não sei de onde vinha
nem para onde ia.
Dava-me nos nervos
de vez em quando
quando acordava de noite
ou cedo demais
e não mais dormia.
Eu não sabia
de onde vinha
nem para onde ia.
Mas aquele vazamento
subterrâneo
escondido
era como a vida de mim
que se esvaía.

PINTURA

No prédio ao lado
que não gostaram da cor
pinta de novo e outra
o pintor.
No sobe e desce dos pincéis
rolo e tinta fresca
a cor nova
devorando a antiga
e eu a sonhar
que possa pintar
tudo de ruim
que houver em minha vida.

Autor: Camilo Garcia

SAPATO VERMELHO

Na ponta do salto
sapato vermelho
o encaixe perfeito
do nosso amor.

No corpo
nem mais um peça
no entanto te vestes
melhor
que qualquer vestido.
Altura a mais e
essencial
sem a qual
o amor não acontece
nem seria igual.

Espelho
e o medo de ser descoberto.

Sapato vermelho
satisfaz a nós dois.

TIJOLOS

Toda a leveza de um ato
e o peso
de matéria tão densa
com que se erguem
paredes
e se protege de fora
quem os atira
tijolos!

Força e sutileza
em só fazê-los voar
até o alto
onde outro os agarra
e
em cada um
o toque infinito das suas mãos:
há toda uma carga por levantar.

Um por um
vão se fazer conhecer
dessas mãos
no ato de as construir
- casas
apartamentos
e mansões -

onde depois
vão habitar
sabendo que em cada tijolo
dessas paredes
há um pouco dessas mãos.

Contaminamos
de humano
tudo o que tocamos
tijolos
ainda que matéria tão densa
ou tão singelo ato
de os atirar.

Nelas fazemos habitar
toda esperança
toda tristeza
e as alegrias,
com que contaminamos de humano
tudo o que tocamos
tijolos,
ainda que matéria tão densa
ou tão singelo ato
de os atirar.

A AMEIXEIRA

Uma árvore
carregada de frutos
é como uma mulher
querendo ser possuída.

É uma alegria
ver
que a ameixeira
pela qual todos os dias
passei
desejosos dos frutos
que tinha
foi aproveitada
por alguém.
Galhos quebrados pelo chão
indicam-me isso.

Já eu
cidadão de bem
bem comportado dessa urbe
não posso me dar
a esse desfrute:
subir em seus galhos
comer seus frutos
não é mais
coisa para mim.



Só alguém
como um criança
ou jovem adulto
pode se deliciar
com os prazeres
frutuosos
que tem.

Quanto a mim
só resta
me alegrar
que esse alguém
tenha sido feliz
e feito feliz
essa árvore
que embora tenha tido
seus ramos partidos
sente-se nela
a satisfação
de ter sido
violada.

Como a mulher
enfim
depois de amada.

SOLIDÃO

De noite
escuto passos
na calçada.
Molhada pela chuva
os faz ressoar.

A cidade dorme!
(Todos já foram dormir).

Para mim
ainda é cedo.
Para minha alma inquieta
o silêncio da hora
me contagia,
torna-a mais interessante
e extasia
quem acordado está
e medita
no Sim e
no Não
dessa vigia.

Passos na calçada...
Quem será?

Um companheiro de jornada?

Que nada!

Apenas alguém
que volta tarde para casa
extraviado da manada
e torna rápido
indiferente
ao ritmo das Coisas.

Doce ilusão
ter pensado por um momento
que alguém
com quem dividiria
o peso
desse Sim e
desse Não
existiria.

INSÔNIA

Quando o sono não vem
a cama
torna-se flagelo.
Enrolo-me nos lençóis,
amarfanha-los demais,
tanto
que a arrumadeira
já deve ter percebido
a noite de insônia
que passei.
Acordo com um acre odor
nas mãos
- ácido no sangue
resíduo da transpiração.

Lavo-me desse cheiro
dessa noite
desse descanso (in)descansado
dessa noite de forçado
obrigado a esperar
o amanhecer.

Nada me atormeta.
Nem dinheiro
nem trabalho
nem mulher.



Apenas minha condição
diante da vida.
Algo que vem de fingida
forma de se insinuar.
Uma boba inquietação
e pronto!
Lá se foi
mais uma noite
mal dormida.

POEIRA

Luto com a poeira
da maneira mais vã
tão logo dela se devia
minha atenção.
Quando menos se espera
lá está ela:
sobre o livro aberto
- não lido -
sobre a estante dos livros
- por ler -
sobre meu trabalho
- abandonado.

Que impertinência!

A me chamar a atenção
sobre tudo o que devia
ter feito
e que até então
não me veio inspiração.

Poeira
a presença do nada
a rondar minha vida.
Promessa de extinção
quando aqui
não mais estiver.
Reinará absoluta
sobre tudo o que é meu:



afetos
amores
ódios
e terrores.

Queres antecipar
essa precipitação?

O BÊBADO

Com quem
conversa
um bêbado
quando
bêbado e
sozinho?

Gesticula
faz trejeitos
esgares e
caretas
mas ninguém
o ouve.
Desabafa
briga
contemporiza
fala manso
mas ninguém
lhe escuta.
Se altera
soca o ar
considera
pensa alto
clama por atenção
mas ninguém
lhe atende.

Um bêbado
quando
bêbado

é engraçado
porque perde
toda noção
do ridículo e
fala
sozinho
quando só
na mesa do bar
o dono
impacienta
por fechar:
na rua,
quando trôpego,
alterca
consigo mesmo.

Um bêbado
é ridículo
porque ninguém
lhe escuta,
mas isso não lhe impede
de a paz
repousar
em seu coração
e cansado
voltar para casa
com a nítida sensação
de ter contribuído
para a solução
de todos os problemas
do mundo.

DE HOMENS E BOLACHAS

Depois de dias
lembrei de concordar:
"Boa a bolacha de que me falaste!"

O que me respondeu
no entanto
fez-me crer que
já não pensava o mesmo.

Tinha feito novas descobertas
adquirido outros gostos
visto o defeito dos antigos
enjoado deles.
E sem o perceber
tínhamos perdido a
oportunidade de

comunhão.

DORMIR É COMO MORRER

Dormir
é como morrer:
é para poucos!
Não são todos
que o sabem.
Pois dormir
como morrer
implica
ter vivido
e plenamente.
Quando não
a mente
não consente
o sono
o repouso.

Descansar
do quê
se não
se fez nada?

Dormir...
morrer...
descansar.

Nem a todos
é consentido.

É preciso
ter vivido.
É preciso
ter tido
coragem
brio
ardor.

Morrer
exige
amor.

Ter amado
ter vivido...

MÃO

Mão que em tudo tocas
faz tudo que te pedimos.
Já da tua limpeza
não posso dizer tanto
por mais que te lave.
Pois é sempre a mesma mão
que bolina e
acaricia,
prepara a comida e
se limpa.

Mão
sempre a mesma
a executar:
sentença de morte e
do ventre
a libertar
a vida que nasce.

Às vezes tão vilipendiada
outras vezes
nossa escada de redenção.

Mão que afaga
mão que espanca
mão que tira e
que dá.
Mão que eleva e
que diminui.
Escrava cega de nossas paixões.

Que tens a ver conosco?

Conservas
não obstante
a dignidade da serva
calada e terna
ainda quando te enfiemos
na merda.

Não tens do que te envergonhar.

O MATE

Sozinho
penso que alguém
me acompanha
no mate
que encho
inúmeras vezes
pra mim mesmo.

Sozinho
travo um diálogo
comigo mesmo
propiciado
pela oportunidade
de dividir um amargo
co'esse amigo
inexistente.

Encho mais uma cuia
nesse momento
imaginada
pra meu irmão.

Tomo infinitamente
de novo
e sempre
até me faltar.

Só então
dou-me conta
da solidão
sozinho
tomando chimarrão.

Amargo criado
para as rodas
para a divisão.

O amargo da vida
entre todos
dividida
torna mais fácil
a vida e
a digestão.

MÃO SEM DEDOS

Uma mão
sem dedos.

Mutilada!

Uma garra!

E pai de família
ainda tanto
por fazer...

Uma mão
duas.

Porque numa
em que faltava
quase todos os dedos
- restavam apenas dois -
noutra
não pude ver direito
faltava
também o polegar.

Que máquina infernal
teria feito aquilo?

Devorado os dedos
de ambas as mãos?

E via-se nele
tal obsessão
que era triste de ver
como ainda
poderia perder
os que restavam.

Decerto
as bocas
por alimentar
não iam sossegar
com apenas
aqueles dedos
- de aperitivo.

EDUCAÇÃO

Escuto de manhã
na escada
alguém que cumprimenta a outro
tão educadamente
que a gente
fica tentado
de repente
a chegar e lhe dizer:
- Sabe moço, estou com um problema, assim, assado -
só para ver o que iria acontecer.
Decerto não demoraria muito
para aquela educação
dar lugar
a qualquer evasão
tal como essa:
- Sinto muito.
- Estou com pressa.
- Mas o que eu tenho com isso?
E o desperdício
seria inevitável.

Por isso prefiro
atitudes como as possas sustentar.
Até as últimas consequências.

O resto é verniz,
inútil ilusão
a não resistir
ao menor aranhão
de realidade.

Excesso de educação
nem sempre
corresponde
à verdade.

O HOMEM NU

Um homem se despe das suas roupas
Um homem se despe do seu orgulho
Um homem se despe da vaidade
intolerância
arrogância
incompreensão
descaminhos
desamor.
Um homem se despe.

De quantos veste
pode um homem se despir?
Até onde pode chegar
seu mais radical desnudamento?

Só a alma é virgem das roupas que não usa
e o desnudamento mais completo é aquele
que expõe a própria alma.

Um homem se despe do seu corpo.
Um homem veste a sua alma.

Um homem só se despe na própria morte?

O homem nu e a morte.

Um homem se despe da sua vida
e a vida...
uma mentira.

ORIGENS

Tão delicado
ninho de abelhas mirins
incrustado no muro
onde o movimento
das ruas
só faz perceber
que sempre estiveste
ali
quando algum
imprevisto
faça me deter
diante de ti
de outra maneira
tão impercebido
por causa
de todos os nossos
interesses
ocupações
pressa
humana
desumana.

Há um mundo
a nossa volta
que passa despercebido.
Mundo das coisas belas e pequenas
e das grotescas também.
Mundo que todos os afazeres
do dia



nos afastam
nos fazem perder a sua sustentação
a ponto de supormos
poder flutuar.

Caímos no chão
com grande estrondo e barulheira
nos sentindo estranhos nesse mundo
que devia ser tão nosso
não fosse há muito tempo
a ele
termos dito
o nosso mais radical
NÃO!

TARDE

Sobre o meu céu
correm pombas
na tarde serena e quente.
Que terras demandam?
Que outras paragens buscam
que tão bruscas
possam num átimo parar
e identificar
ali
qualquer imponderável
coisa
que as faça se deter?

Minha cabeça dá voltas
e meus sentidos se embriagam
com o que vem de fora
nesta tarde
serena e quente.
A percepção de tudo
se torna mais lenta
como se um ópio embaralhasse meus sentidos,
- de qualquer tóxico embriagado -
e esta tarde já não fosse bastante
para me embriagar.

E o é!

Tarde,
serena e quente de Sábado!
As crianças brincam lá embaixo nos balanços,
a música toca no rádio
e o mundo todo
por um momento,
parece se suspender
em um suspiro de Deus
no momento em que este também ele entorpecido
por esta tarde serena e quente
tira uma soneca.

Ameaça acordar e de imediato
devolver os homens a suas dores,
por enquanto suspensas
nesta tarde...
serena e quente.

VENTO CRIANÇA

Há um vento que sopra
não sei de onde.
Chega de repente e
espalhafatosamente,
batendo portas e janelas,
derrubando coisas
com mãos de vento
desajeitadas.
Se faz mais presente do que gostaria,
revira meus cabelos e pensamento,
levando-me junto nas piruetas com que
invade as casas,
descobre corpos e o amor,
cheiros e suores,
por trás das voltas que a luz
não pode dar.

Quisera ir contigo,
vento criança,
arrebatar-me nas ondas
com que arrejas o dia,
acrescentando uma nota de puerilidade
na tarde que se entrega fácil demais ao
fastio e à preguiça
das coisas velhas e cansadas.
Limpas o ar e as almas,

estás em toda parte,
chega de repente
de todas as direções,
nos pega de surpresa.

Tornas o dia o que é:
agradável tarde de sol,
março e Domingo,
outono batendo à porta,
vento de outras eras,
vento de novos ares.

SUR

Um ar glacial
que sopra
não sei de onde
e não desiste
de soprar
o dia inteiro
regelando
até o mais
íntimos
dos ossos.

Uma sombra
que congela.

Um Sol tênue
fraco
para
desinrijecer
os músculos
já compactados
por tantos dias
desse ar glacial.

Esse é o universo
do Sul



ao sul do Brasil
e que já se tornou
até
uma categoria do Ser:
o Sur!
com todas as peculiaridades
que só
quem viveu no sul
e sentiu o Minuano
lhe varrar o corpo e o espírito
pode dizer
o que significa.

O Sur é uma categoria do Ser
que engendra os fortes!

LIXO

Ao andar pela rua
encontrei
alguém
que comia
do lixo.

Ao olhar para mim
seus olhos
desviaram-se
dos meus.

Por medo?
vergonha?

O que viram nos meus
os seus
olhos
já antes de os ver
os meus?
Já tinham os seus
as dúvidas
que agora
eu neles via?

Decerto a decisão
de comer do lixo
quando a tomou
os seus
já tinham se anuviado



perdido o brilho
o ardor...

Um pouco da vida
que se foi
com a fome
que o obrigou
a buscar no lixo
o que
em nenhum outro lugar.
encontrou.

SOLITÁRIO TROVADOR

A estátua do Teixeira
canta sozinha
voltada pro Oeste
ao pôr do Sol
da Avenida Brasil
em Passo Fundo.
Alheia
ao movimento da ruas
que a ignoram também
há anos
essa estátua de ferro
- só de ferro mesmo para agüentar -
canta sozinha
todos os dias
para o Sol que se põe
no meio da Avenida
turbilhonada
Brasil
dessa cidade onde surgiu
e já não o reconhecem mais.

Oh, vida ingrata
de trovador,
até após a morte é difícil viver
do amor desse povo
que o ignora
até quando chora
imobilizado na praça

nesse gesto final
de cantor:
tocando viola
ao Sol que o devora
num fim de tarde
de verão.

PROCISSÃO

Procissão de carros,
volta para casa.
Persigo a fileira de carros
que se estende em sinaleiras
até o centro da cidade.
Viajo nesta volta como quem não pensa no que faz,
igualzinho ao que faço todos os dias:
sem pensar nisso!
Há um dia, porém, em que nos surpreende uma emoção
diferente do que normalmente nos acontece
e nos pomos melancólicos
a pensar precisamente
que todos os dias fazemos isso:
voltamos para casa depois de um dia cheio
e nos sentimos mais vazios do que quando saímos!
Como quem foi roubado
e ainda não se deu conta do que lhe levaram,
ficando só com a sensação de que lhe falta alguma coisa,
sem saber ainda, precisamente,
o que é.
Volta para casa!

Seguimos a rota em procissão
- ninguém se desvia do caminho.
Temos a sensação de que somos levados
mais do que nos levamos e que só
quando nos precipitarmos goela adentro deste monstro -
cidade -
encontraremos o nosso lugar,
como o musgo encontra o seu:
agarrado na pedra,
à beira do precipício,
escutando todos os dias o mar rugir aos seus pés.
Ao menos,
pensamos reconfortados
não há de ser hoje
que este mar
nos tragará.

NA CIDADE DOS OCUPADOS

Na cidade dos ocupados
todos cuidam
dos interesses
quem os têm.

Já eu
que não os tenho
desocupado observador
posso a tudo ver
sem me prender
- a nada.

E o nada
que é tudo
me permite ver
o que os outros
já não vêem:
o vazio das suas vidas
que precisam ter
diante dos olhos
diante das mãos
o que ocupe-lhes
a razão
- de ser.

Já eu
posso por aí flunar
sem medo de flutuar
e me desprender

como um balão
- a alma
o tino
a razão -
e não saber mais
quem eu sou.

Oh, mundo tão volúvel
que precisa sempre ter
o que oferecer:
uma nova atração
diversão
ilusão.
Até quando
vai nos manter
- desacordados?

O HOMEM DE GESSO

O homem de gesso
anda pelas ruas.
Mal consegue ver o que
se passa a sua volta,
pois mal consegue olhar
para sua esquerda e a sua direita
com o gesso
que lhe puseram no pescoço,
sobre os ombros,
em seus braços,
no seu torso.
Suas pernas se arrastam
e seus braços parecem pêndulos de ferro
ao longo do seu corpo
engessado.
Todo ele é um molde de gesso
onde
o que há de pior na cidade
vem se depositar.
Camadas e camadas
de perda de autenticidade.
Camadas e camadas
de um arrancar-se de si.
O homem de gesso
caminha na cidade
através dos seus corredores de concreto e
túneis de aço,

à procura de qualquer coisa
como um martelo
que o estilhace de dentro
da sua prisão.

Uma mão pousou em seu rosto.
Um estremecimento percorreu seu corpo.
O gesso rachou e
um raio de luz entrou.
O ar tornou-se menos denso.

Há alguma esperança
para o homem de gesso na cidade?
A mão que o afagou,
só ela,
pode dizer.

RIO MORTO

(Dedicado ao Rio Passo Fundo)

Marulhas
mas não enganas:
estás morto!
Rio de todas as águas,
profundidade comezinha
de quem atulhado
mal consegue ver o caminho,
através das águas turvas
nas curvas que faz.
Juntas todo o rebotalho
que o trabalho
- a faina inútil de todos os dias -
acumula e faz de ti lixeira.

Tuas pedras
se confundem com latas;
tuas margens incertas
têm capim
- até demais.
Sobre as quais
às vezes avança,
ponta de lança,
a alcançar quem o maltrata
o malbarata
com túneis, canais e desvios
enquanto o que há de bom nos rios

- peixes e água limpa -
ninguém consegue ver.
Pescar de tuas margens,
namorar molhando os pés,
lavar em ti a roupa
que de tão pouca
não consiga te poluir,
antes nos faça cheirar à natureza,
das profundezas de onde vens,
cantando desde as fontes
"habitando a distância de ermos montes
onde os momentos
são a Deus chegados.[1]

E como criança avança
cidade adentro.
Vais de todos recebendo o que há de pior
- incurável desamor de quem até os filhos
sabe desamar.

Nos longes da cidade
por onde saís e te vejo passar
já não vais mais cantando
nem marulhando.
Vais embora a chorar.

[1] Trecho do poema Paúis, de Fernando Pessoa.

BUNDA DE FORA

Bunda de fora
de um quase mendigo
jovem ainda
jovem disposto
para se entregar
a tanto desgosto.

Caminha errante
forte
destemido.
Parece bravo com alguma coisa
que lhe fizeram
com o mundo
com a vida.

Esbraveja
disposto a tudo.
É forte ainda.
A vida nas ruas
não o abateu
mas um talho nas calças
na parte de trás da coxa
na altura das nádegas
transversal
deixa-lhe à mostra
uma parte da bunda.
Não ela inteira
mas um só pedaço seu.



Uma lua crescente.
E definitivamente
é impossível não rir
às suas costas
do talho que lhe mostra
a parte mais frágil
do seu frágil existir.

A vida nas ruas
ainda não lhe venceu
mas já começa.

CASA PATERNA

Na casa do meu pai
quando era jovem
cortava a grama
todos os dias.
Eu era
o último dos filhos
- homens -
de uma série
que cedo
tinha saído
de casa.
E como
ainda
não trabalhava
ocupava
a força viril
que meu pai
via nascer em mim
no trabalho
de cortar
a grama.
Foi assim
durante
alguns anos
- não sei quantos -
em que vivi
os meus melhores
anos.



Cortando grama
adolesci.
Escutei som
sem camisa
da porta de casa.
Tive
minha primeira conversa
de homem
com o vizinho
- pai de um amigo meu.
Cortando grama
recebi
a visita do Diretor
e o meu primeiro emprego
- Banco do Brasil,
Menor Estagiário de Serviços Gerais -
mal sabendo eu
o que isso
significaria para mim.

Um dia percebi
no caminho
que ia pro mato,
caminho de grama
com pedras à guisa de calçada,
que a grama que nascia ali,
já não podia mais ser cortada.
Alguma força brutal
e selvagem
daquele caminho,
a caminho do mato,



agreste e rural,
já não podia ser vencido
pela tesoura e pela máquina
com que eu aparava
a grama domesticada
dos outros pedaços
do jardim.
Em alguns pontos
ela sobrava,
tornava-se difícil
a controlar:
o tempo passava,
eu crescia,
as coisas mudavam
e eu sabia
que em breve
tinha que me despedir.
Não sabia
que
por tanto tempo...
Eu me afastaria
desses anos
em que a liberdade para mim
era a camisa
perdida
em qualquer canto do terreno,
escutando som na porta de casa
e a vida
a me sorrir
- cheia de novidades.
Aquela imagem

da grama agreste,
incontrolável
ao meu cortar,
resistindo a mim,
dominando as pedras do caminho,
num ponto indefinido
entre o mato e o jardim,
não sabia eu
que finalmente
ela ia
me vencer.
Eu me afastaria dessa faina,
entraria na vida
que me levaria pra longe
e ela,
essa grama indomada,
cresceria livre
da minha intervenção.
Marcaria
o ponto exato
em que eu
jamais seria o mesmo
e o rumo
que eu pretendia
dar
a tudo
escaparia de mim.

AMIGA POETA

Dedicado à amiga poeta
Ana Carolina Martins da Silva

Há uma amiga
que me mostra poesias
composições
versos
melodias
de palavras
pedaços de vida
tirados daqui e dali
pinçados da rotina.
Um coração que bate
ao ritmo da beleza
compassado das coisas
do que realmente vale a pena
se a alma...

E há nela
tal entusiasmo
contagante
que a gente
de radiante
raizando da alegria dela
quer também
fazer
composições
versos
melodia
com que nos oferece o dia
com que nos oferece ela.

NAVIO FANTASMA

(Por ocasião do desastre do navio
Bahamas em Rio Grande/RS)

Arrasta-se a estas horas um monstro
gigante de asa partida
demônio a cuspir de si
detritos.

Os homens o criaram
os homens o condenaram.
Usaram
abusaram de si.

Fraquejou!

O ácido comeu suas tripas
exterminou o mar
a sua volta.
Famílias passaram fome.
Foi odiado com o ardor xenófobo
por todos aqueles que
o deixaram entrar.

Agora que tem as tripas reviradas
nada mais tem a fazer.

Arrastam-no, navio maldito,
para o alto mar.
Lá o sepultarão as águas



que tantas vezes
si(a)ngrou.
Recebe-o ao menos o mar
generoso
como um deus perdido
proscrito em suas águas abissais.
Serás a morada de peixes
anêmonas nascerão de ti.
Terás a graça das profundezas
vais resgatar a tua culpa
- que nem tua é -
devolver ao mar
a vida que retirou.

INTERROGAÇÕES

Para onde vão
todos os carros
que se perseguem
nas ruas de Porto Alegre
já tão congestionadas
de tudo
que nossa pressa
e ansiedade
têm posto ali
à guisa
de buscas desencontradas
pedidos desatendidos
esperas desesperadas?

Todos os carros
perseguem um objetivo
tão certo
nas suas vidas
de máquinas volantes
que é inevitável
que os persigamos também.

Vamos a toda parte
onde os encontramos.
Persequimos os piores
congestionamentos
porque só eles
têm as respostas!

Mas de repente,
eis que surpresa:
encontre-me só
numa rua escura
onde todas as buscas
se acabaram.
Parece que ninguém
já tem
mais perguntas
a fazer
- a rua se acabou.

Que bairro
estranho!
Que lugar é esse
onde vim dar
sem razão?

Ah, há alguém ali!
Por favor, uma informação?

Que informação, meu?
Tua acha que eu sou guarda de trânsito?
Vamos logo, desce daí, seu bacana!
Ou quer levar um tiro nas fuça?!

Pah!

Um estrondo na noite.

Alguém responde minha última
interrogação!

SINISTRO

Desperto lentamente para o mistério
essencial das coisas,
como quem acorda de um pesadelo
depois de haver suado tanto.

Não desfruto, no momento que passa, a
graça primaveril da vida,
pois meus olhos estão vendados.

Permaneço em silêncio
como quem diz uma prece.

Disfarço o meu arrependimento
diante dos meus inimigos.

Até a manhã
que o dia traz nova aurora.

O céu, por cima da minha cabeça,
adquire tons pastéis
por causa da tempestade que se aproxima.

Anuncia-se no vento
que vem das *plagas* argentinas
como a cavalo nos velhos tempos.



De repente estou sozinho
no meio do campo.

Houve a cessação de tudo.

Além da barra
a sensação de não haver mais ninguém.

Me angustio ante a opressão da espera.

POETAS AMIGOS

Dedicado ao extinto grupo de
poesia Momento Poético de Passo Fundo

Vou forçar meu verbo
escrever uma coisa bela
para ela
quando Sábado vier
brilhar na seleta
sala de amigos
que o amor à poesia
nos reuniu.
Náufragos de um mesmo sonho
sobreviventes da incultura nacional
dividindo expectativas e emoções
dos dias que estão por vir.

Brilharemos em mostras?
Escreveremos livros?
Não sei.
De mãos dadas avançamos
de olhos vendados
mas seguros
em direção a um futuro
que a amizade aplainou.
Tornou mais fácil o verbo
nos deu confiança de enfrentar
um mundo
que lá fora
que ruge e estruge
ameaça a tudo devorar.
Começa a se render ao Belo
que em versos
viemos dar.



VIAGEM A PORTO ALEGRE

Porto Alegre...de novo.
Cidade que me assombra
há um bom tempo.

Cidade revisitada!
Desde quanto tempo
venho te namorando?!
Já não vejo em ti
a graça
que outrora via,
cidade-fantasia
me tira da monotonia
dos meus dias
sem alegria.

Mas agora em ti
já não vejo
o que outrora
via!

Envelheci?

Envelheceste?

Não sei!

Ou serão apenas
os olhos da maturidade

que já não
me permitem
ver
o encanto
que antes via?
O desencanto
sem necessariamente
o ser?

Não te esqueças
porém
que hoje
ainda vês
a poesia
que amanhã
não verás mais:
a lenta decadência
do envelhecer.

Por isso
já não me importa
o que outrora via.
Importa-me
que ainda haja
poesia
mesmo que da nostalgia
do que já não existe mais:
meus olhos
tua alegria.

TODAS AS VOZES

Encho a mente de palavras
com que depois
descreverei o dia
e o que me vai por dentro.

São tantas vozes!

Todos os livros que li
ecoam em meus ouvidos,
o seu rumor de grilo na noite
- fonte que rumoreja -
enchem minha cabeça.
Às vezes
fico paralisado
na tentativa...

São tantas vozes!

Serão fantasmas?
Serão duendes?
Serão anjos ou
demônios?

Me ajudarão na inspiração?
Me aproximarão da vida?
- ou dela
me afastarão?

São tantas vozes!



E todas querendo me dizer alguma coisa.
Impossível atender a todas.
A algumas terei que fazer o gesto
que me afaste delas,
das suas páginas oferecidas,
dos seus garanchos de
tinta e sangue,
pensamento e vida,
amor e sofrimento.
Pois meus olhos estão cansados,
minha mente gira e,
de vez em quando,
todos os livros que li
revistas e jornais
bulas de remédios
filmes legendados
outdoors na estrada
instruções de proceder
acodem juntos na minha cabeça.
Me sinto desvairar
como um louco perseguido por moscas.

São tantas vozes!

Amizade

Tinha um amigo
que julgava
amigo.

Deixei de o procurar
por um tempo.
E o tempo
que não perdoa
foi passando
passando
passando.

Quando o procurei de novo
o seu silêncio
me fez ver
que a amizade
que eu tinha
era só minha
e eu vivia
a me enganar.

ESTADOS DE CONSCIÊNCIA

Meus estados
de consciência
alterados
fazem-me
supor muitas coisas.
Quase todas impossíveis.

Nem por isso
tornam-me menor.

Se ver é existir
basta-me
imaginar.

CUCO

Moto perpétuo.

Todos os dias
a mesma coisa.

Sou uma máquina
robô
relógio
boneco
programado
para todos os dias
dar as respostas certas.
Um cuco
dessa máquina infernal
de que tiro
meu sustento
meu pão
e em retribuição
dou de volta
meu sangue
minha inspiração
meu tesão.

Moto perpétuo de ser.

Modo perpétuo de morrer.

MOMENTO

Há uma hora em tudo
que a vida torna
claro e escuro,
como um tiro na noite,
o grito de socorro,
o sangue
a gaze e o furo.

A noite é um vão
que se abre no Tempo
e já não sabes
se saís do outro lado:
buraco de proporções ilimitadas.

Te precipitas
mas esperas sobreviver.

POEMA PROGRAMA

Sob a inspiração do quadro São Sebastião
de Mantegna, pintado em 1455.

Há um coração atravessado de setas
em todo peito humano,
capaz ainda de bater
apesar
de todo esforço vão de continuar:
a teimosia humana de existir -
invólucro apenas carnal de transcendência.
O sentido pequeno de tudo se reduz à
" vaidade das vaidades "
e o mundo é apenas aparência.
Mas que aprendizado!
Viver, a despeito de tudo, ainda é a única
forma de evoluir?
Mas não é atrás de sentidos que
andamos,
pobres criaturas.
Há uma irredutibilidade de tudo que me
comove,
uma teimosia de ser que me fascina.
E disso,
na medida do possível,
fazemos Arte.



IRREMEDIÁVEL

Depois
é tarde.

O acontecido,
irremediável.

Esquecer?

Talvez.

ROTINA

Um dia animado,
outro dia nem tanto.
Um dia triste,
outro entediado.
Um dia esperançoso,
outro desanimado.
Há um horizonte,
não há perspectiva.
Em todos eles...
presente!

Os dias
indiferentes a mim.

CHIMARRÃO

Chimarrão,
faz pensar.

Cachimbo pra quem não fuma,
teu hálito quente
induz a meditação.

Amargo,
às vezes como a vida,
sem que o percebemos
nos pomos
a pensar!

O GOZO

O tempo se portou hoje
como um ardente ato de amor
cujo gozo
demorou tanto
para chegar.

Foi quente
ardente
sombrio.

Ameaçou despejar
ainda cedo
seu líquido de amor.

Mas resistiu.

Até tarde.

Até o limite
dos nervos de todos nós
que já ameaçávamos
não mais agüentar.

Mas quando veio
grossa

densa
em grandes bagas
mudou a face da cidade.
Chuva.
Trouxe a paz
por que todos ansiávamos.

O gozo enfim.

O PROSAICO DOS DIAS

O prosaico dos dias
o comum
a rotina...

Ah se minha vida
fosse um aventura
eternamente
movido para cá e para lá
pelo movimento dos dias
que maravilha
seria meu dia
que ventura
meu existir!

Mas poeta
não seria
porque a poesia
é isso
que me faz
da monotonia...

me evadir.

PASSARINHO

Filhote de passarinho
caiu do ninho
voou para aqui
para acolá.

Nhac, fez a boca do cachorro
fechando numa gaiola de dentes
o animalzinho
que mal teve tempo
de ser um passarinho.
Entre os dentes do cachorro
estrebuchou.

PRISIONEIRO

Há lá fora um sol tremendo,
Árvores e brilhos especiais
Vontade de flamar
Amar
Na manhã que passa
Alheia a tudo que
A neurose humana
Criou para elidir esse momento.

Estudar
Trabalhar
Preocupar-se com
O dinheiro
A fome
Desemprego
Doença
Tudo o que inventamos
à guiza de civilizados.
Enquanto o que é belo
Só o prelo
Perpetua
Na voz do poeta
Que grita.

Poucos ouvem!



POEMINHA DE AMOR

Meu amor
era pouco
e te bastava.
Quando exigiste mais
não pude corresponder.

O amor
se desfez.



BLOCO DE NOTAS

Todas as páginas
de um bloco de notas
anotadas
desenhadas
rabiscadas
não me impedem
de escrever
meus sentimentos.
Piegas que sejam
não desisto
de os escrever.
Sei que o tempo
os consumirá
com a voracidade
habitual
com que consome
tudo que tocamos
no entanto
escrever
é resistir
não se render
protestar
contra a morte
contra o tempo
contra o esquecimento
que contamina
tudo que existe
tudo que tocamos



- o que se torna
significativo
pra nós -
tudo que amamos.

Escrever é resistir.

TEMPO

O tempo
joga contra
ou a favor de mim.

Contra
quando é curto
pra tudo o que espero.

A favor
quando se trai
por ser quem ele é.

O tempo não pára
seja bom
seja ruim.

Por isso
ao agir assim
está contra
ou a favor de mim.





Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

[Catálogo do Projeto Passo Fundo](http://www.projetopassofundo.com.br)
www.projetopassofundo.com.br



FOTO SUL

*O Autor tem 38 anos.
É formado em Direito pela
Universidade de Passo Fundo e
trabalha como Auditor Público
do Tribunal de Contas do
Estado do RS.*

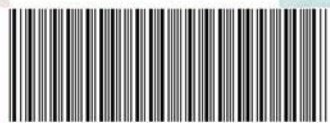
*Escreve desde 1995, depois
que um amigo escritor lhe disse
que só aos 40 anos havia
realizado o sonho de publicar o
seu primeiro livro. Desde essa
época o Autor decidiu que não
esperaria até lá...*

*J*úlio César Perez, neste “expresso da poesia”, procurou refletir de forma lírica os mistérios e as perplexidades do mundo, sem se tornar de difícil compreensão ao leitor.

Na linguagem simples e objetiva do autor nota-se um resgate dos ideais modernistas, desde Bandeira até os contemporâneos Gullar e Romano de Santana, passando pelo insubstituível João Cabral de Mello Neto.

A obra cumpre o papel de incitar a reflexão no leitor, através de um olhar inusitado sobre as coisas e um uso incomum da linguagem, como só os verdadeiros poetas sabem fazer.

O editor



978-85-8326-049-3



Passo Fundo
Associação Cultural